Autoconceito: efeitos da cegueira e do sexo em adolescentes*

J. D. C. PAULINELLI**
A. TAMAYO**

1. Introdução; 2. Metodologia; 3. Resultados; 4. Discussão e conclusão.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as influências exercidas pela cegueira e pelo sexo sobre o autoconceito de adolescentes. A amostra foi composta de 52 adolescentes, da 5.ª à 8.ª série do 1.º grau. Dentre estes, 23 eram do sexo feminino e 29 do sexo masculino, sendo que 25 eram cegos e 27 com visão. Foi utilizada a Escala Fatorial de Autoconceitos — EFA (Tamayo, 1981*d*). A análise Mann-Whitney revelou um efeito principal de variável sexo sobre o fator segurança pessoal, onde os homens alcançaram escores mais elevados que as mulheres. Houve efeitos de interação sexo × cegueira no autoconceito global e nos fatores segurança pessoal e receptividade social. Os resultados são discutidos em função dos efeitos exercidos sobre o autoconceito dos indivíduos, dos estereótipos sociais dos papéis sexuais e de como os mesmos, em interação com o fenômeno da cegueira, apresentam efeitos diferenciados para homens e mulheres em seu autoconceito.

1. Introdução

O autoconceito tem sido largamente estudado e é de interesse especial, para a psicologia social, a causa da sua estreita relação com a percepção social e com o processo de atribuição e auto-atribuição. Ele se estrutura a partir das influências sociais em interação com as características pessoais dos indivíduos.

De modo sucinto pode-se dizer que as primeiras experiências da criança com relação a seu meio e a seu próprio corpo são as condições que possibilitam o início da formação da autopercepção (Bee & Mitchell, 1984; Gilbert & Finell, 1978; L'Ecuyer, 1978; Lewis, 1979; Rotta, 1982). O primeiro passo nesta direção é dado, segundo Bee e Mitchell (1984), quando o bebê se percebe como

* Artigo apresentado à Redação em 9.8.85.
** Psicólogos da Universidade de Brasília. (Endereço do segundo autor: Universidade de Brasília — Departamento de Psicologia — Campus Universitário — Asa Norte — 70.910 — Brasília, DF.)

um ser separado da mãe. O próximo passo é quando ele se percebe como um *acontecimento contínuo*, ou seja, como algo que existe no tempo e no espaço. A partir daí a criança tem as bases cognitivas para desenvolver o autoconceito.

Vários autores enfatizam as relações sociais e a influência do outro significativo na formação do autoconceito (Shavelson, Rubner & Stanton, 1976; L'Ecuyer, 1978; Tamayo, 1982*b*). As percepções que a pessoa tem de si são formadas através da experiência com a interpretação do seu ambiente e são influenciadas especialmente por reforçamentos, avaliações pelos outros significativos e atribuição ao próprio comportamento (Shavelson e outros, 1976). Segundo Tamayo (1982*b*), o autoconceito é fundamentalmente social. A percepção de si faz-se a partir das representações dos outros, sem ser exclusivamente uma reprodução das mesmas. O outro funciona como um espelho, onde o indivíduo, a partir da imagem que ele reflete, se descobre, se estrutura e se reconhece. O indivíduo está sempre numa interação social, em comunicação com os outros e ocupando um papel. Dentro destas duas realidades (comunicação e os papéis) ocorrem trocas de olhares, sentimentos, percepções, expectativas, enfim, os meios de significação que progressivamente modelam o autoconceito.

Em síntese, o autoconceito é formado a partir da relação do indivíduo consigo mesmo, da experiência com seu próprio corpo, bem como da relação com seu meio social. Deste modo, pode-se esperar que todas as variáveis que apresentam uma significação relacional social influenciam o autoconceito. Essas variáveis podem ser agrupadas em dois níveis: o pessoal e o social.

Variáveis pessoais: referem-se àquelas mais intrínsecas ao sujeito, relativas ao seu funcionamento psíquico. Relacionam-se de modo negativo ao autoconceito as seguintes variáveis: neuroticismo, atuação de conflitos nas relações sociais, na escola (Gilbert & Finell, 1978; McClure, Mitchel & Greschuck, 1982), psicopatia (Tamayo & Raymond, 1977), alcoolismo (Gross & Alder, 1970) e depressão (Jegede, 1982; Yanagida & Marsella, 1978). Dentro das características pessoais também influenciam o autoconceito: a maturidade biológica e a saúde (Jegede, 1982), identidade sexual (Erdwins, Small & Gross, 1980), sexo (Dixon & Street, 1975; Elrod & Crase, 1980; Osborne & LeGette, 1982; Tamayo, no prelo, *a*; Sears, 1970). Elrod e Crase (1980) encontraram em suas pesquisas que os homens têm o autoconceito mais elevado que as mulheres. Tamayo (no prelo, *a*) com sujeitos brasileiros, chegou a resultados um pouco diferentes. Os escores dos homens foram superiores aos das mulheres só nos fatores de autoconfiança e autocontrole. Por outra parte, os escores das mulheres foram mais elevados do que o dos homens no *self* ético-moral.

Variáveis sociais: referem-se àquelas intervenientes na interação do indivíduo com seu meio social. De um ponto de vista relacional afetam o autoconceito: a popularidade (Chambliss, Muller, Hulbick & Wood, 1978; Jegede, 1982), a freqüência de atividade sexual pré-marital (Tamayo & Cunha, 1983), a paternidade ou maternidade (Tamayo, 1981*c*), a opinião do outro significativo (Crase, Foss & Colbert, 1981; Smith, 1982; Tamayo, 1985), a aparência física (Lerner, Karabenick & Stuart, 1973; Mahoney & Finch, 1976; Starr, 1982). De um ponto de vista situacional, o autoconceito é influenciado pela situação sócio-econômica (Bledson, 1981; Gilbert & Finell, 1978; Hong, 1982; Osborne & LeGette, 1982), grau de escolaridade (Osborne & LeGette, 1982;

Sears, 1970; Tamayo, 1981*b*), religião (Jegede, 1982; Moore & Stoner, 1977; Tamayo, 1982*b*), raça ou etnia (Martinek, Cheffers, Zaichko & Ky, 1978; Osborne & LeGette, 1982; Yanagida & Marsella, 1978), região de origem (Tamayo, 1982*a*), estado civil (Tamayo, no prelo, *a*), posse de automóvel e índice de acidentes automotores (Tamayo, 1981*e*) e rendimento escolar (Dourado, 1984; Silva, 1981).

Após o levantamento das numerosas variáveis que influenciam o autoconceito, resta uma outra questão: será que o déficit sensorial do indivíduo afeta qualitativamente seu autoconceito? Restringindo a questão à cegueira, será que esta traz complicações para o indivíduo no processo da estruturação de sua autopercepção?

Burlingham (1969, 1979) considera que o cego enfrenta maiores problemas, no processo de seu desenvolvimento que as pessoas com visão. Segundo ele, a falta de contato de olhos entre mãe e filho afeta a formação egóica deste. Acrescenta ainda o agravante de o cego situar-se entre duas demandas específicas: aquelas originárias de suas próprias necessidades, e as demais, embasadas no mundo da visão, ou seja, aqueles padrões que lhe são ensinados e/ou cobrados com base em referenciais exteriores aos seus próprios. Tait (1973) fala de um retardo social no cego. Warren (1976) acha que os outros sentidos, apenas em parte, podem substituir a falta da visão. Burzhals (1973) suspeita que só pelo tato a pessoa consiga formar uma auto-imagem satisfatória, ou esta só ser muito lentamente estruturada. McFern (1974) encontrou em adolescentes surdos, cegos, portadores de visão subnormal e deficientes físicos escores de autoconceito significativamente inferiores aos dos adolescentes normais. Seaman (1974) encontrou resultados similares com crianças cegas e normais.

Além das dificuldades enfrentadas pelo cego devido à sua deficiência sensorial, acrescenta-se ainda o agravante do estigma social (Almeida, 1954; Baker, 1973, 1974; Baker & Reitz, 1978; Cohen, 1973; Fazio, Effrein & Falender, 1981; Kang, 1976; Seaman, 1974). Estes autores enfatizam o fato de o cego ser visto com piedade, com preconceito, e como pessoa incapaz e dependente, o que pode levá-lo a assumir estes papéis.

Outro elemento possivelmente adverso para o desenvolvimento dos cegos é o de que, em geral, estes são educados em instituições residenciais. Contudo, as pesquisas empíricas não apresentam resultados conclusivos, principalmente por falhas metodológicas. Assim, Cowen, Underberg, Verillo e Benham (1961) não encontraram diferenças no autoconceito de adolescentes cegos residindo com os pais ou em instituições residenciais. Considerando outras áreas de excepcionalidade, Bachar (1970), Beck, Handson e Roblee (1982) não encontraram efeitos negativos no autoconceito de indivíduos em regime residencial ou não. Já Calhoun e Elliot (1977) e Wynn (1975) encontraram um efeito negativo na autopercepção daqueles em regime residencial. Os próprios autores destas pesquisas consideram problemáticos seus dados, devido às dificuldades de controle metodológico por eles enfrentadas.

Outro fator importante a se levar em conta no estudo do autoconceito dos cegos é a idade em que a cegueira aconteceu. Parece ser de consenso entre os pesquisadores e estudiosos do assunto o fato de que o indivíduo que já nasce cego ser mais adaptado que aquele com cegueira adventícia, pelo fato de serem

estes obrigados a reformularem seus padrões gerais de referência (Blank, 1975; Cowen e outros, 1961; Cutsforth, 1969; Foulke, 1973; Mattos, 1954; Morgan, 1974; Veiga, 1983; Warren, 1976).

O autoconceito engloba vários níveis da autopercepção. No caso específico da cegueira, é interessante mencionar a percepção estética. Como será esta num indivíduo incapaz de se ver fisicamente? Cutsforth (1969) e Veiga (1983) chamam a atenção para o fato de que o julgamento estético de um cego é qualitativamente diferente ao de um indivíduo normal. A cegueira é incapaz de captar os simbolismos e suas relações dinâmicas, como acontece com a percepção visual, do mundo e de si mesmo.

Após o levantamento de todos estes elementos, parece lógico supor que a autopercepção dos cegos será mais negativa que a dos indivíduos normais. Convém sermos cautelosos, no entanto, e ter em mente outro nível de avaliação da questão, para não correr o risco de simplificar o problema. Schilder (1981) e Lussier (1980) alertam que o corpo objetivo muitas vezes não corresponde ao corpo simbolizado ou vivenciado.

O objetivo da presente pesquisa foi verificar se o autoconceito dos cegos difere do daqueles com visão.

2. Metodologia

1. Sujeitos: a amostra foi composta de 52 adolescentes, com idade média de 16 anos e 2 meses, DP = 1,7 cursando de 5ª à 8ª série do 1º grau, com renda familiar média, em 1984, igual ou inferior a Cr$600.000 (com base no relato dos próprios sujeitos), residindo na cidade de Belo Horizonte. Vinte e três sujeitos eram do sexo feminino e 29 do sexo masculino, sendo que dentre eles, 25 eram cegos, estudantes de uma escola especial residencial para deficientes visuais, e 27 com visão, estudantes de uma escola pública estadual.

Foi utilizado como critério de cegueira a incapacidade do sujeito de reconhecer, pela visão, as outras pessoas, bem como a si próprios. Esta incapacidade foi avaliada por uma professora e uma supervisora da instituição. Motivos de ordem diversa impediram a utilização de um critério mais objetivo.

A seleção da amostragem dos sujeitos com visão foi feita em número bastante superior ao dos cegos, devido à necessidade de uma posterior homogeneização dos dois grupos, já que a população de cegos disponível era bastante reduzida e com algumas características variadas (como o número de homens e mulheres, a idade, a série escolar). Após a seleção definitiva da amostra global, os dois grupos (os cegos e os indivíduos com visão) foram comparados em duas outras condições:

a) Ajustamento emocional. Três escalas semânticas foram utilizadas para verificar como os sujeitos se sentiam com relação a eles mesmos nos seguintes aspectos:

- satisfação-insatisfação
- aceitação-rejeição
- compreensão-incompreensão

A análise Mann-Whitney não revelou qualquer diferença significativa entre os grupos, em nenhum dos três aspectos investigados.

b) Em termos de idade, os dois grupos também não diferiram significativamente um do outro, a partir de resultados da análise Mann-Whitney.

2. Instrumento: foi utilizada a Escala Fatorial de Autoconceito — EFA (Tamayo, 1981*d*).

3. Procedimento: a aplicação do material, no caso dos indivíduos com visão, foi coletiva, administrada pelo pesquisador e um colaborador de nível acadêmico superior, devidamente treinado, e realizada na instituição onde estudavam. Eram lidas as instruções pelo experimentador e cada sujeito respondia individualmente, anotando suas respostas nas folhas do teste.

No caso dos cegos, a aplicação foi individual, onde cada aplicador lia as instruções para os sujeitos e anotava suas respostas nas folhas do teste. A aplicação foi realizada na instituição onde moravam.

Este procedimento foi adotado devido ao fato de não ter conseguido a impressão do material para o Braille, onde os sujeitos poderiam ler e responder eles mesmos ao teste. Em uma experiência piloto realizada anteriormente, ficou patente a inviabilidade da aplicação coletiva de testes para os cegos.

3. Resultados

A tabela 1 apresenta os escores médios e desvios-padrão em termos de visão e sexo.

A análise Mann-Whitney foi calculada para cada um dos seis fatores do autoconceito independentemente, bem como para o autoconceito global.

Os resultados mostraram um efeito principal do sexo no fator segurança pessoal $z = 2{,}4151$ $p < 0{,}01$, onde os homens alcançaram escores mais elevados que as mulheres.

A cegueira não apresentou nenhum efeito principal em nenhum dos fatores do autoconceito.

Houve efeito de interação no autoconceito global $z = 2{,}127$; $p < 0{,}03$, no fator segurança pessoal $z = 3{,}295$; $p < 0{,}001$ e no fator receptividade social, $z = 1{,}924$; $p < 0{,}05$. Esse resultado mostra que o princípio que rege os efeitos da variável sexo muda em função do nível da variável visão. Assim, no escore total e nos fatores receptividade social e segurança pessoal, quando a variável visão é mantida ao nível 1 (cego), mudanças na variável sexo, de feminino para masculino, têm um efeito crescente em seus escores médios, ao passo que quando a variável visão é mantida no nível 2 (com visão) esta mesma mudança tem um efeito decrescente em termos de seus escores médios (ver figuras 1, 2 e 3).

A análise Mann-Whitney intra-sexo revelou um efeito significativo para as mulheres (cegas × com visão) no fator segurança pessoal $z = 4{,}0358$; $p < 0{,}04$ e uma tendência à significância no autoconceito global $z = 1{,}8078$; $p < 0{,}07$ e no fator abertura social $z = 1{,}7437$; $p < 0{,}08$.

Tabela 1

Escore médio e desvio-padrão no autoconceito e seus fatores, por sexo e cegueira

Fatores	Sexo								Total	
	Masculino				Feminino					
	Visão		Cego		Visão		Cego			
	$\overline{X}$	*DP*	$\overline{X}$	*DP*	$\overline{X}$	*DP*	$\overline{X}$	*DP*	$\overline{X}$	*DP*
Auto	5,40	0,76	4,87	0,48	5,12	0,64	5,46	0,60	5,40	0,76
FA_1	5,09	0,93	4,03	−1,08	5,19	0,77	5,59	0,68	5,08	0,93
FA_2	5,04	1,40	4,44	1,07	4,87	0,92	5,11	1,14	5,04	1,40
FA_3	5,27	0,98	4,96	0,67	5,09	0,85	5,53	0,69	5,27	0,98
FA_4	5,77	0,92	5,71	0,52	5,46	0,81	5,86	0,59	5,72	0,92
FA_5	5,94	0,72	5,26	0,68	5,13	0,84	5,56	0,77	5,94	0,72
FA_6	5,42	0,77	4,70	0,95	5,05	0,84	5,47	0,91	5,42	0,77

Auto: autoconceito

FA_1 : segurança pessoal
FA_2 : atitude social
FA_3 : autocontrole
FA_4 : *self* ético-moral
FA_5 : *self* somático
FA_6 : receptividade social

Figura 1

Interação cegueira × sexo no fator receptividade social

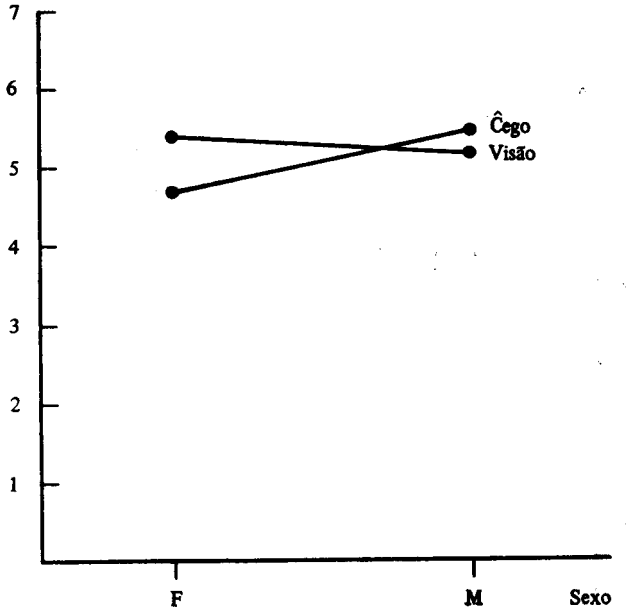


Figura 2

Interação cegueira × sexo no autoconceito global

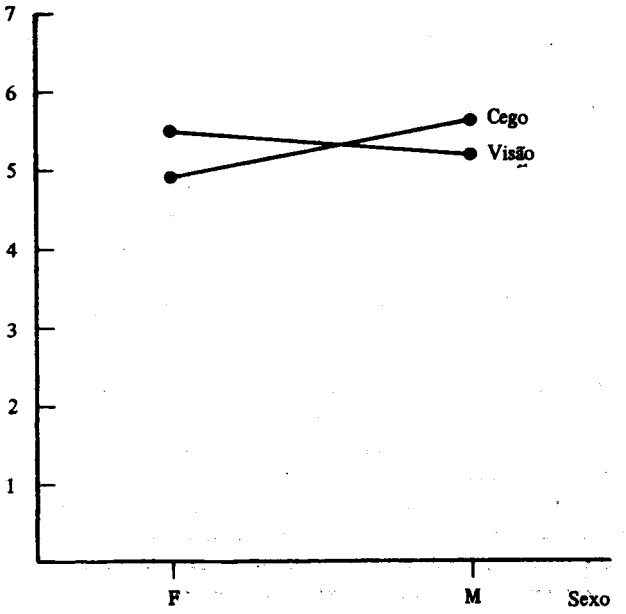
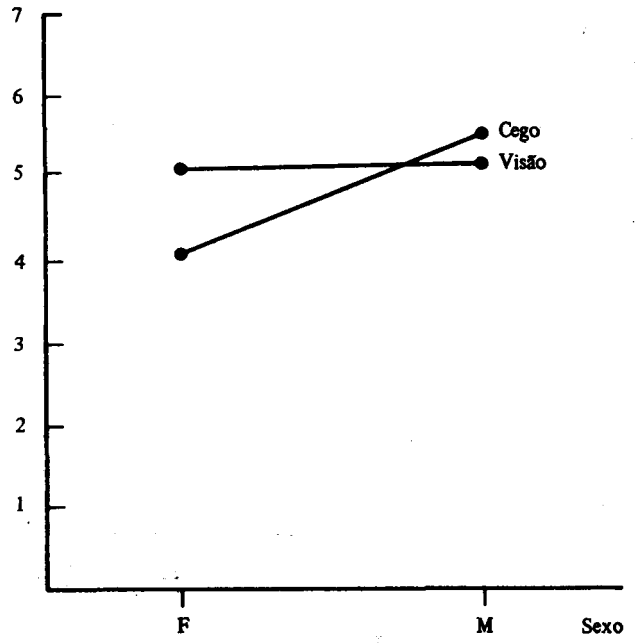


Figura 3

Interação cegueira × sexo no fator segurança pessoal



4. Discussão e conclusão

A partir dos resultados obtidos, o sexo aparece como uma importante variável que afeta o autoconceito. Neste sentido, os mesmos resultados confirmam pesquisa anterior (Elrod & Crase, 1980), onde os homens obtiveram autoconceito mais elevado que as mulheres. É interessante notar que o efeito principal dessa variável na presente pesquisa só foi significativo no fator segurança pessoal.

A segurança pessoal relaciona-se com aspectos de autoconfiança, os quais, em nossa cultura, estão intimamente relacionados ao caráter de eficiência do indivíduo. A influência da variável sexo pode ser explicada em termos de estereótipos sociais, já que o estereótipo masculino prende-se às características de competência e auto-confiança, e o feminino aos aspectos mais expressivos e estéticos (Lerner, Orlos & Knapp, 1976; Mahoney & Finch, 1976; Tamayo, no prelo, *b*).

Do ponto de vista da aprendizagem social, Donelson (1978) afirma que há evidências comportamentais persistentes de que as mulheres estão mais aptas a aceitarem informações desfavoráveis sobre si próprias, enquanto que o inverso é verdadeiro para com os homens. As mulheres tendem a ser mais autodepreciativas e os homens mais enobrecedores e autoprotetores. Socialmente, as mulheres são mais reforçadas a exprimirem seus sentimentos e a serem dependentes; já os homens são ensinados a reprimirem seus sentimentos e a mostrarem-se fortes (Griffin, Chassin & Young, 1981).

A cegueira não apresentou qualquer efeito significativo sobre nenhum dos fatores do autoconceito. Este resultado contradiz opiniões que postulam maiores problemas para os cegos no aspecto social (Tait, 1973), relacional e pessoal (Burlingham, 1969, 1979; Burzhals, 1973). Ou ainda, que eles assumiriam o papel de pessoas dependentes e limitadas, o que acarretaria um sentimento de menos-valia em sua autopercepção (Almeida, 1954; Baker, 1973; 1974; Fazio e outros, 1981). Estes estudos são na sua maioria descritivos, não apresentando dados empíricos que os confirmem. Não fica claro também a que nível da autopercepção eles se referem.

Na interação, o fato mais interessante foi que entre os homens (sejam cegos ou não) não houve diferenças em seus autoconceitos, e no caso das mulheres, as cegas apresentaram uma auto-avaliação mais negativa que as com visão. Como já foi assinalado nesta discussão, o indivíduo do sexo masculino é estimulado à independência, ao autocontrole, o que o leva a ostentar um comportamento que seja reconhecido como de maior segurança e autonomia. Pode ser que para o cego esta demanda seja introjetada e retroalimentada pelo esforço que fariam para ostentar este papel, em associação com as dificuldades inerentes à uma pessoa limitada fisicamente. Como à mulher é permitido um papel de maior dependência e submissão, o agravante da deficiência visual pode ser que traga uma acentuação numa autopercepção mais negativa. Além do mais, para a mulher cega não existe o aspecto estético, como este é vivenciado pela mulher com visão. Como para as mulheres este elemento é muito valorizado na nossa sociedade, pode-se esperar que a falta de tal ingrediente, no arsenal perceptivo de uma cega, seja um elemento que pode vir a rebaixar sua própria auto-avaliação.

Abstract

This research investigated the influences of vision and sex on the self-concept of adolescents. The sample was composed of 52 subjects from the 5th through 8th grades of primary school. Twenty-three were female and 29 male: 25 were blind students and 27 were sighted students. The Factorial Self-concept Scale (EFA) was used (Tamayo, 1981*d*). A Mann-Whitney analysis showed a main effect of sex on the self-confidence factor, where the scores of the males were higher than those of the females. There were interaction effects on global self-concept and self-confidence and social receptiveness. The results are discussed in terms of the effects on self-concept of social steriotypes of sex roles and how these, in interaction with the phenomenon of blindness, produce different effects on males and females.

Referências bibliográficas

Almeida Jr., A. *A cegueira e seus problemas. Congresso Pan-Americano de Assistência aos Cegos e Prevenção da Cegueira*. São Paulo, 1954.

Bachar, J. R. Self-concept of academic ability and academic performance among deaf adolescent students in residential and non-residential schools. *Dissertation Abstracts International, 31*(3-A):1.100, 1970.

Baker, L. D. Blindness and social behavior: a need for research. *The New Outlook for the Blind*, p. 315-8, Sept. 1973.

———. Blindness and its meaning: A need to serve. *Journal of the American Optometric Association, 45*(4):447-50, 1974.

——— & Reitz, H. J. Altruism toward the blind: effects of sex of helper and dependency of victim. *Journal of Social Psychology, 104*(1):19-28, 1978.
Beck, M.; Handson, J. & Roblee, K. Special education/regular education: a comparison of self-concept. *Education, 102*(3):277-9, 1982.
Bee, H. L. & Mitchell, S. K. *A pessoa em desenvolvimento*. São Paulo, Harper & Row, 1984.
Blank, R. Reflexions on the special senses in relation to the development of affect with special emphasis on blindness. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 23*(1): 32-50, 1975.
Bledson, J. Is self-concept a reliable predictor of economic status? *Psychological Reports, 49*:883-6, 1981.
Burlingham, D. Some problems of ego development in blind children. *The Psychoanalytic Study of the Child, 20*:194-208, 1969.
———. To be blind in a sighted world. *The Psychoanalytic Study of the Child, 34*:5-30, 1979.
Burzhals, I. W. Adaptación de la personalidad del niño ciego en clase. In: *Actitudes hacia las personas ciegas*. Oficina Latinoamericana, 1973.
Calhoun, G. & Elliot, R. N. Self-concept and academic achievement of educacle retards and emotionally disturbed pupils. *Exceptional Children, 43*(6):349-59, 1977.
——— & Morse, W. C. Self-concept and self-esteem: another perspective. *Psychology in the Schools, 14*(3):318-22, 1977.
Chambliss, J.; Muller, D.; Hulbick, R. & Wood, H. Relationships between self-concept, self-esteem, popularity and social judgements of junior high school students. *The Journal of Psychology, 98*:91-8, 1978.
Cohen, O. El prejuicio y el ciego. In: *Actitudes hacia las personas ciegas*. Oficina Latinoamericana, 1973. p. 8-17.
Cowen, E. L.; Underberg, R. P.; Verilld, R. T. & Benham, G. *Adjustment to visual disability in adolescence*. New York, American Foundation for the Blind, 1961.
Crase, S. J.; Foss, C. J. & Colbert, K. K. Children self-concept and perception of parents' behavior. *The Journal of Psychology, 108*:297-303, 1981.
Cutsforth, T. D. *O cego na escola e na sociedade*. Publicação da Campanha Nacional de Educação dos Cegos. São Paulo, MEC, 1969.
Dixon, J. C. & Street, J. W. The distinction between self and non-self in children and adolescents. *The Journal of Genetic Psychology, 127*:157-162, 1975.
Donelson, E. *Diferenças sexuais na perspectiva desenvolvimentista*. São Paulo, Brasiliense, 1978.
Dourado, J. M. B. *O rendimento acadêmico e sua relação com o autoconceito do aluno e a retroalimentação do professor. Dissertação de mestrado*. Brasília, Universidade de Brasília, 1984.
Elrod, M. M. & Crase, S. J. Sex differences in self-esteem and parental behavior. *Psychological Reports, 46*:719-27, 1980.
Erdwins, C.; Small, A. & Gross, R. The relationship of self role to self-concept. *Journal of Clinical Psychology, 36*(1):111-5, 1980.
Fazio, R. H.; Effrein, E. & Falender, V. J. Self-perceptions following social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology, 41*(2):232-42, 1981.
Foulke, E. La personalidad del ciego: un concepto no valido. In: *Actitudes hacia las personas ciegas*. Oficina Latinoamericana, 1973.
Gilbert, R. C. & Finell, L. Young child's awareness of self. *Psychological Reports, 43*: 911-4, 1978.
Griffin, N.; Chassin, L. & Young, R. D. Measurement of global self-concept versus multiple role-specific self-concepts in adolescents. *Adolescence, 16*(61):49-56, 1981.
Gross, W. F. & Alder, L. O. Aspects of alcoholics' self-concepts as measured by the Tennessee self-concept scale. *Psychological Reports, 27*:431-4, 1970.
Hong, S. M. Self-concepts of Korean high-school students as related to socio-economic status. *Psychological Reports, 50*:15-18, 1981.
Jegede, R. O. A cross-sectonal study of self-concept development in Nigerian adolescents. *The Journal of Psychology, 110*:249-61, 1982.
Kang, Y. W. Attitudes toward blindness and blind people among theological anda aducation students. *Dissertation Abstracts International, 37*(3-A):1.490-1, 1976.
L'Ecuyer, R. *Le concept de soi. Paris,* Presses Universitaires de France, 1978.

Lerner, R. M.; Karabenick, S. A. & Stuart, J. C. Relations among attractiveness, body attitudes and sel-concept in males and females college students. *The Journal of Psychology, 85*:119-29, 1973.
———; Orlos, J. B. & Knapp, J. R. Psysical attractiveness, physical effectiveness and self-concept in late adolescents. *Adolescence, 11*(43):313-26, 1976.
Lewis, M. The self as a developmental concept. *Human Development, 22*:216-9, 1979.
Lussier, A. The physical handicap and the body ego. *The International Journal of Psycho-Analysis, 61*(2):179-85, 1980.
Mahoney, E. K. & Finch, M. D. Body-cathexis and self-esteem: a reanalysis of the differential contribution of specific body aspects. *Journal of Social Psychology, 99*(2):251-8, 1976.
Martinek, T. J.; Cheffers, J. F.; Zaichko, W. S. & Ky, L. D. Psysical activity, motor development and age differences. *Psychological and Motor Skills, 46*:147-54, 1978.
Mattos, R. B. Definição de cegueira sob o ponto de vista do oftalmologista. *Congresso Pan-Americano de Assistência aos Cegos e Prevenção da Cegueira*. São Paulo, 1954.
McClure, R.; Mitchell, C. & Greschuck, D. Self-concept and identification of students needing a counseling center. *Psychological Reports, 50*:487-90, 1982.
McFern, A. R. A self-concept study of adolescent in four areas of exceptionality. *Dissertation Abstracts International, 34*(7-*A*):4.040-1, 1974.
Moore, K. & Stoner, S. Adolescent self-reports and religiosity. *Psychological Reports, 41*: 55-6, 1977.
Morgan, D. H. Emotional adjustment of visually handcapped adolescents. *The Journal of Educational Psychology, 46*(2):65-81, 1974.
Osborne, L. W. & LeGette, H. R. Sex, race, grade level and social class differences in self-concept. *Measurement and Evaluation in Guidance, 14*(4):195-201, 1982.
Rotta, N. T. Esquema corporal. In: Outeiral, J., ed. *Infância e adolescência, psicologia do desenvolvimento, psicopatologia e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982. p. 19-27.
Schilder, P. *A imagem do corpo*: as energias construtivas da psique. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
Seaman, J. H. Self-concept, social acceptance and teacher attitudes related to the treatment of children labeled as perceptually handcapped. *Dissertation Abstracts International, 35* (1-*A*):290, 1974.
Sears, R. R. Relations of early socialization experiences to self-concept and gender role in middle childhood. *Child Development, 41*(1):267-89, 1970.
Shavelson, R. J.; Rubner, J. & Stanton, G. C. Self-concept: validation of construct interpretations. *Review of Educational Research, 46*(3):407-41, 1976.
Silva, I. V. *Autoconceito, rendimento acadêmico e escolha do lugar de sentar entre alunos de nível sócio-econômico médio e baixo*. Dissertação de mestrado. Brasília, Universidade de Brasília, 1981.
Smith, T. L. Self-concepts and movement skills of third grade children after physical education program. *Perceptual and Motor Skills, 54*:1.145-6, 1982.
Starr, Ph. Physical attractiveness and self-esteem ratings of young adults with cheft lip and/or palate. *Psychological Reports, 50*:467-70, 1982.
Tait, P. Efectos del rechazo indirecto en el comportamiento del niño. In: *Actitudes hacia las personas ciegas*. Oficina Latinoamericana, 1973.
Tamayo, A. Autoconceito e ordem de nascimento. *Ciência e Cultura, 33*(7):823, 1981*a*.
———. Autoconceito e nível de instrução. *Ciência e Cultura, 33*(7):824, 1981*b*.
———. Influência da paternidade e maternidade sobre o autoconceito. *Ciência e Cultura, 33*(7):824, 1981*c*.
———. EFA: Escala Fatorial de Autoconceito. *Arquivos Brasileiros de Psicologia,* Rio de Janeiro, FGV, 33(4):87-102, 1981*d*.
———. Autoconceito, posse de carro e índice de acidentes automotores. *Psicologia: ciência e profissão, 1*:101-16, 1981*e*.
———. Autoconceito e região de origem. *Arquivos Brasileiros de Psicologia,* Rio de Janeiro, FGV, *34*:60-4, 1982*a*.
———. Concept de soi et religion *Psychologica Belgica, 22*(1):57-65, 1982*b*.
———. Relação entre o autoconceito e a avaliação percebida de um parceiro significativo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia,* Rio de Janeiro, FGV, 33:88-96, 1985.
———. Autoconcepto, sexo y estado civil. *Revista de Psiquiatria e Psicologia de América Latina* (no prelo, *a*).
———. Estereotipo, auto-estereotipo y metapercepción del hombre y de la mujer. *Interamerican Journal of Psychology* (no prelo, *b*).

——— & Cunha, M. E. A. Autoconceito, sexo e freqüência de atividade sexual pré-marital. *Ciência e Cultura,* 35(7):800, 1983.
——— & Raymond, F. Self-concept of psychopaths. *The Journal of Psychology,* 97:71-7, 1977.
Veiga, J. A. *O que é ser cego.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.
Warren, D. H. Blindness and early development: what is known and what needs to be studied. *The New Outlook for the Blind,* p. 5-17, 1976.
Wynn, L. An investigation of self-concepts of educable mentally retarded children in institutional and natural home-settings. *Dissertation Abstracts International,* 35(11-A):7.162, 1975.
Yanagida, E. & Marsella, J. The relationship between depression and self-concept discrepancy among different generations of Japanese-American women. *Journal of Clinical Psychology,* 34(3):654-9, 1978.

Princípios de
Contabilidade
volumes 1 e 2,
de Niswonger & Fess
2.ª edição revisada



Veja e compre nas
Livrarias da FGV:
Rio - Praia de Botafogo, 188
e Presidente Wilson, 228-A
São Paulo - Nove de Julho, 2029;
Brasília - CLS 104 - Bloco A, loja 37